

Nos artigos enviados para o Diário do Minho destinados a esta secção deve constar a identificação completa dos seus autores (nome, morada, n.º de BI e contacto).

ESPAÇO ABERTO

JUSTIÇA, CIÊNCIA&POLÍTICA, COM TEMPERO

“Primeiro-ministro defende que a Investigação, Ciência e Inovação é ‘decisiva’ para o crescimento económico”...



Gonçalo S. de Mello Bandeira¹

Esta frase está no Público, por Maria Lopes, em 10/9/14. O título é: “Passos ‘bastante satisfeito’ com pasta ‘decisiva’ de Moedas”. É possível ver um pouco por toda a comunicação social lusa que Passos ficou contente. No Expresso, Passos diz que “é uma excelente notícia”. No Diário de Notícias, o próprio Carlos “diz que a sua pasta é ‘chave para crescimento’”. Passos afirma que foi “uma das primeiras prioridades” transmitidas pelo Governo a João-Cláudio Juncker. O CDS diz que “a pasta de Moedas tem futuro e tem fundos”. Já no Jornal de Notícias, se refere que o Ministro da Educação ficou “satisfeito com a nomeação de Carlos Moedas”. Juntamente com o Secretário de Estado da Ciência e do Ensino Superior, consideram-no “um profundo conhecedor”. Uau! A tutela adianta que se está “a viver um momento decisivo e extremamente desafiante para a investigação europeia, com o início do maior e mais ambicioso Quadro Comunitário de Apoio à Investigação e Inovação, da história da União Europeia, com 80 mil milhões de euros”. Também Sol, Jornal de Negócios, Diário Económico, Observador, Visão, Sábado, TSF, Renascença, todas as TVs, incluindo Porto Canal, etc. dão conta desta “enorme satisfação nas palavras”. Mas que bom que é ver os nossos governantes todos contentes! Que alegria, é tão lindo e enternecedor! E o que se tem passado em Portugal? Vejamos com objectividade.

Como se refere na InfoSNESup 214, de 8/2014, “entre 2010 e 2013, o Ensino Superior público assistiu a um corte de mais de 31% das suas verbas (fonte: Direção-Geral do Orçamento). No mesmo período, o número de alunos matriculados subiu entre 2010 e 2012, existindo apenas um decréscimo pontual de 3% no ano de 2013 (onde a crise, e ao seu impacto nos orçamentos familiares, terão certamente influenciado). A disparidade en-

■ É uma boa altura para aumentar, de modo justo e proporcional, todos os orçamentos de todas as universidades e politécnicos portugueses, os quais têm relações privilegiadas com África, Brasil e parte da Ásia, uma evidente mais-valia para a União Europeia! Ou afinal a tal da pasta é só de nome?! ■

tre os cortes no ensino superior e regime de acesso à Universidade o número de alunos é inegável.”; e às demais instituições do ensino “Se somarmos o corte de 2014 e no superior garante a igualdade o valor em dívida reclamado pe-de oportunidades e a democratização dos Reitores e Presidentes de Ins-zação do sistema de ensino, detidos Politécnicos de 42 milhões vendo ter em conta as necessidades de Euros, verificamos que o corte des emqualificados e a elevação do desde 2010 aumentou para mais nível educativo, cultural e científico de 34% (fonte: DGO)”; “As notí-co do país. §2. As universidades conhecidas durante o fim do gozam, nos termos da lei, de aumento de agosto, com as previsões tonomia estatutária, científica, pe-de verbas a transferir no Orçamen-dagógica, e financeira, sem prejuízo para 2015, vêm agravar estes ízo de adequada avaliação da quacortes. A previsão do Ministério lidade do ensino”.

da Educação e Ciência é de um Neste sentido, estamos convictos novo corte de 1,5% em relação a que o Governo vai aumentar os 2014. Estamos assim perante um passos do investimento no Ensino montante que só têm paralelo no Superior em Portugal ou pelo meano de 1999 (ano em que existiam nos repor aquilo que retirou. Mas menos 20% de alunos no Ensino não é só Moedas que está de pa-Superior)”. rabéns, pois também o charmoso

Enquanto isto permanecem em vigor gigantescos contratos de parcerias público-privadas, contratos futuros-swap e rendas outorgadas a empresas multinacionais, que, no seu conjunto, são altamente prejudiciais para os contribuintes portugueses. A isto acresce os casos BES, BPN, BPP, BCP, o caso-sei-lá-que-mais-vem-aí, etc., como potencial sorvedouro de dinheiros públicos nacionais e europeus.

Mas se o Sr. Primeiro-Ministro diz que “Investigação, Ciência e Inovação é ‘decisiva’ para o crescimento económico”, então é porque algo vai mudar em Portugal: podemos estar descansados! Não podemos também aqui esquecer do art.76º da Constituição: “Universidade e acesso ao ensino superior §1. O

Hélder Rosalino foi promovido a Administrador do Banco de Portugal. Afinal, ficamos a saber que a austeridade, tantas vezes chumbada no Tribunal Constitucional, era uma estratégia para investir na Investigação, Ciência e Inovação europeias! É uma boa altura para aumentar, de modo justo e proporcional, todos os orçamentos de todas as universidades e politécnicos portugueses, os quais têm relações privilegiadas com África, Brasil e parte da Ásia, uma evidente mais-valia para a União Europeia! Ou afinal a tal da pasta é só de nome?!

¹ Presidente da Comissão de Fiscalização e Disciplina do Sindicato Nacional do Ensino Superior.

Bem prega Frei Tomás!



Rosa Maria Arezes
Deputada do PSD

Impressiona o simplismo com que alguns por aí apresentam a solução para os problemas que nos afligem. E o mais espantoso é que são exatamente os mesmos que, durante anos, esbanjaram oportunidades e deram largas à “festa”, obrigando todos os portugueses à penosa herança do abismo da iminência da bancarrota.

Tal ligeireza e populismo despertam-me o mais vivo repúdio, na medida em que assentam numa enorme irresponsabilidade política e numa inaceitável falta de rigor intelectual.

É fácil dizer que é preciso atrair investimento e pôr a economia a crescer. Que é necessário combater o desemprego e diminuir a carga fiscal. Que é urgente aumentar o rendimento das famílias e das empresas... e por aí adiante.

Só que uma coisa é o universo dos nossos desejos – incluindo os meus – e outra, bem distinta, é o choque da realidade, dura e crua.

Os meus estimados leitores lembrar-se-ão que esta retórica que por cá anda também fez escola em França há pouco mais de dois anos. A nossa comunicação social deu, na altura, grande divulgação à agenda política do atual Presidente gaulês: Hollande era idolatrado como o salvador da Europa, porque iria forçar a mudança de paradigma e acabar com a austeridade, defendendo o primado do crescimento económico sobre a redução do défice orçamental.

O que alguns não saberão – até porque, curiosamente, a situação na França quase desapareceu dos media nacionais – é que, chegado ao poder, o Presidente socialista mudou de orientação económica. Apesar de Paris não viver a emergência em que Portugal se encontra, nem ter a tutela da Troika, o seu Governo socialista tem em curso um plano de corte na despesa de 50 mil milhões, 21 mil milhões dos quais na proteção social e saúde.

E quem diria que Hollande ia tirar o tapete a ministros “rebeldes” que se opõem à austeridade, excluindo-os do Executivo? Pois foi isso o que aconteceu há menos de um mês. Em Itália, por sua vez, outro político de centro-esquerda, o Primeiro-ministro Renzi, diz-se reformador, mas ainda nada de significativo concretizou. Já na Alemanha e na Holanda, os socialistas fazem parte das coligações governamentais e não atacam a austeridade.

Enfim, uma coisa é a retórica fácil e o palavreado populista, para ganhar votos e iludir as multidões. Outra coisa é, depois, o embate com a realidade. Com a dura realidade que exige alternativas consistentes em vez de aspirações ou de estados de alma.

Pelo que se vê, criticar a austeridade é tarefa reservada a quem não governa. É o que vemos em Portugal. São contra, mas nunca esclarecem como poderíamos dispensá-la sem os investidores nos cortarem o crédito de que ainda necessitamos.

Também por isto é que tal discurso não passa de mais uma ilusão. Que jamais nos levará a um porto seguro ou a uma costa firme.

É verdade que o caminho é exigente. Mas os passos firmes já dados são a melhor garantia da rota a prosseguir!

■ Uma coisa é a retórica fácil e o palavreado populista, para ganhar votos e iludir as multidões. Outra coisa é, depois, o embate com a realidade. Com a dura realidade que exige alternativas consistentes em vez de aspirações ou de estados de alma. ■